

“EU ANOTO, EU USO, EU DIGITO”: CRIANÇAS ESCOLARES E SUAS PRÁTICAS DE ESCRITA EM DIFERENTES MATERIALIDADES

Clarissa dos Santos Pereira¹

Resumo:

Com base nos estudos do campo da história cultural e da cultura escrita, com destaque às obras de Roger Chartier, este trabalho apresenta uma análise reflexiva acerca das apropriações que crianças de um 3º ano do Ensino Fundamental fazem dos distintos suportes de escrita que circulam nos contextos de suas experiências de escrever. Para tanto, desenvolve a investigação junto a uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, de uma escola privada de Porto Alegre, com vistas a discutir as seguintes questões: Quais suportes de escrita circulam nos contextos escolares e não escolares dessas crianças? Quais os usos que se evidenciam nas práticas de escrita de crianças escolares nesses diferentes suportes que acolhem seus registros? Adotou-se como procedimentos metodológicos para a coleta de dados, ferramentas de pesquisa de caráter qualitativo, como observações cotidianas de sala de aula, conversações e elaboração de inventário de documentos. Assim, desenvolveu-se um estudo fundamentado na relação indissociável entre texto, suporte que o comunica e práticas de escrita dos escreventes. Os encontros com a turma possibilitaram uma análise que destaca os sentidos atribuídos pelos alunos às escritas diante da coexistência de diferentes suportes, aqui nomeados como manuscritos, impressos e digitais, além de algumas constatações sobre cadernos e livros. As considerações refletem a continuidade daquelas materialidades que acolhem os registros manuscritos, mesmo com a forte presença dos suportes digitais nas práticas de escrita dessas crianças.

Palavras-chave: Cultura Escrita; Práticas de Escrita; Suportes de escrita.

Introdução

Tendo como inspiração teórica os estudos do campo da história cultural e da história da cultura escrita, este artigo busca repertoriar e examinar diferentes apropriações que crianças escolares que frequentam um terceiro ano do Ensino

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização *Latu Sensu* Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais da Escolarização, realizado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Profª Dra. Maria Stephanou – 2º semestre/ 2013.

Fundamental de uma escola privada da cidade de Porto Alegre, RS, produzem nas relações com distintos suportes de suas práticas de escrita.

O caminho percorrido como estudante e professora dos anos iniciais do ensino fundamental suscitou a configuração da temática abordada nesta pesquisa: práticas de escrita de crianças escolares, seus suportes e apropriações. Por suportes compreende-se aquelas materialidades nas quais, neste caso, as crianças têm possibilidade de inscrever/registrar textos escritos.

Como estudante da sétima etapa do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizei estágio curricular docente junto a uma turma de segundo ano do ensino fundamental. Dentre tantas reflexões advindas desta experiência, me propus a investigar as apropriações que os alunos estabeleciam com os distintos traçados das letras que circulavam no contexto pesquisado: uma sala de aula de terceiro ano².

Naquele momento, aproximei-me do campo da história cultural, e lancei mão de conceitos que se relacionavam com os resultados advindos dos processos metodológicos. Apaixonei-me pelo tema, seus cruzamentos e possibilidades e já na seção de considerações, me propus a dar continuidade ao estudo, com a ressalva dos dados que foram gerados e que não puderam ser analisados.

Ao longo das aulas do Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento, concomitante à atuação docente, continuei com um olhar investigativo diante dos desdobramentos dos estudos da história cultural: as contribuições dos estudos acerca da história da cultura escrita.

Neste estudo, ocupando o lugar de aluna-pesquisadora, e como trabalho de conclusão de curso de especialização, decidi continuar investindo em estudos fundamentados nessas abordagens, de modo a por em evidência as escrituras que circulam em contextos de crianças que frequentam a escola.

O trabalho organiza-se da seguinte maneira: na sequência, apresento os processos metodológicos da pesquisa, através da descrição dos encontros e propostas que foram realizados junto à turma para a constituição dos dados. Após, nas seções intituladas *“Por uma leitura das escritas: entre suportes, textos e práticas”* e *“História da*

² Trabalho de conclusão de curso da graduação.

escrita na minha vida: alguns achados”, discuto o *corpus empírico* do trabalho valendo-me dos conceitos do campo teórico. Na última seção, retomo aspectos analíticos inventariados ao longo da pesquisa de modo a tecer algumas considerações.

Caminhos da pesquisa: os procedimentos metodológicos

Atentar às práticas de escrita a partir das experiências de crianças escolares, sob o olhar teórico que embasa este trabalho, torna a intencionalidade de pesquisa centrada não apenas nas formas de produção dos objetos culturais, mas, e sobretudo, nos processos de recepção e nos usos variados dos mesmos, o que inclui observar as competências, os gestos, as maneiras de escrever e ler, as materialidades e artefatos envolvidos nos atos de escrita, aspectos igualmente fundamentais no processo cultural no qual a escrita se inscreve.

O que está em questão são as relações que o sujeito estabelece com os suportes de que se apropria para escrever/ler, como lhes dá sentido, quais são os seus usos, sentidos, significados ou atribuições. Isso significa por em evidência “[...] que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor” (CHARTIER, 1992, p. 220). Podemos sugerir a mesma reflexão para as práticas de escrita, pois elas também não são invariantes, mudam de acordo com o sentido que o escrevente confere à relação entre o suporte que recebe seus registros e os textos que escreve. Na medida em que mudam os suportes, os registros, os espaços, os instrumentos, o tempo, as maneiras de escrever se modificam.

Assim, para esta pesquisa interessa aprofundar os estudos acerca das atribuições de sentido que os escreventes relacionam ao texto, em suas práticas de escrita, nas relações com os suportes que acolhem seus registros escritos. Apresenta-se, então, uma relação estreita entre texto/escritas, materialidade que comunica/acolhe e práticas de escrita, entendendo que esse tripé de análise é essencial para compreender as apropriações que o sujeito (leitor/escrevente) produz nesse processo.

A partir dessas considerações, busca-se compreender neste trabalho: Quais os usos que se evidenciam nas práticas de escrita de crianças escolares diante de diferentes suportes que acolhem seus registros? A fim de responder a esta questão central, decorreu indagar, inicialmente: Quais suportes de texto circulam nos contextos escolares e não escolares dessas crianças?

Na intenção de responder a esses questionamentos, como anunciado antes, realizou-se uma pesquisa qualitativa com crianças de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental (vinte e seis alunos), junto a qual atuo como professora regente, em uma escola privada de Porto Alegre.

Com a devida autorização da Direção e da Coordenação Pedagógica da escola, as observações e constatações dos encontros planejados com a turma e das conversas que aconteciam em outros momentos, foram registrados por mim através de fotografias, gravações de voz, vídeos, inventário de documentos e anotações em diário de campo³.

Com a finalidade de observar com quais suportes de escrita as crianças se deparam em seu contexto escolar e os não escolares, planejei uma atividade envolvendo a elaboração de lista que intitulamos juntos de “*Onde escrevo e com o quê escrevo*”. A primeira parte iniciou-se em sala de aula e, posteriormente, continuaram a tarefa em casa. Como motivação para a proposta, preparei uma hora do conto e utilizei a obra infantil “O livro da escrita”, de autoria de Ruth Rocha e Otávio Roth (1992). Neste livro, os autores narram o percurso histórico do desenvolvimento da escrita, desde a pictografia até o alfabeto fonético, e apresentam exemplos de diferentes civilizações. O objetivo, ao propor uma apreciação desta obra à turma, foi o de criar um diálogo acerca das formas das escritas em distintas materialidades, no intuito de possibilitar de que as crianças as relacionassem com suas práticas de escrita.

Em outro encontro planejado com vistas à produção de dados, em especial sobre os contextos não escolares de vivência das crianças, propus a montagem de uma minixposição em sala de aula intitulada “*História da escrita na minha vida*”. Conversei com a turma, demoradamente, e enviei por escrito, como tarefa para a família, a solicitação para que organizassem diversos materiais que faziam parte da história da escrita de cada aluno, de modo que os trouxessem à escola para a

³ Registros realizados no decorrer das aulas, além daqueles advindos da geração de dados, integram o diário de campo.

miniexposição que organizaríamos. Oportunizei aos alunos que trouxessem, também, registros fotográficos, caso não fosse possível o deslocamento de algum material.

Como sou professora titular da turma, fui percebendo ao longo da pesquisa, que os alunos começaram a levar para a sala de aula (ou continuaram a levar, deixando mais evidente) distintos suportes de suas práticas de escrever. Isso aconteceu para além do dia da exposição ou da listagem que fizemos juntos na primeira atividade proposta.

Além disso, essas experiências se mostraram educativas não apenas para as crianças. Eu mesma, como professora-pesquisadora, fui percebendo que meu olhar passou a estar atento a pequenos detalhes, que possivelmente estiveram presentes em outras situações de aprendizagem de nossas aulas, mas que passaram despercebidos para mim. Um exemplo foi a atenção que passei a dirigir ao caderno diferenciado de um aluno, que em alguns momentos eu percebia o uso em sala de aula. No contexto da pesquisa, perguntei a esse aluno se poderia ter acesso ao mesmo e descobri que ele chamava aquele caderno de “diário”. Este, dentre outros achados, se tornaram parte dos dados que puderam ser pensados e analisados neste trabalho.

Por uma leitura das escritas: entre suportes, registros e práticas

Com a intenção de inventariar as apropriações que as crianças constroem nas suas práticas de escrita, tornou-se essencial nesse estudo a identificação das materialidades para escrita em circulação nos seus contextos cotidianos. Para tanto, após a leitura e discussão da história de Ruth Rocha e Otávio Roth, antes referida, disponibilizei uma folha em branco e pedi que a dividissem em duas partes: de um lado, para pensarem e listarem os lugares (os suportes) em que escrevem; do outro lado, o quê utilizam para escrever. O início da atividade aconteceu no tempo de aula e, como tema, sugeri que poderiam continuar a lista, a partir das observações que fariam no ambiente doméstico. A seguir, consta reproduzida a listagem de uma criança, disposta na página conforme foi orientado, de um lado “onde” e de outro “com o quê”:

Onde		Com o quê
- E-mail	- My Start	- Lápis
- Caderno	- Mozilla Firefox	- Lápis de cor
- iPad	- Papelão	- Caneta Hidrosol
- iPhone	- Fita adesiva	- Caneta
- App store	- Etiqueta	- Dedo
- iTunes	- Folha com linhas	- Teclado
- Google	- Cd	- Giz de Cera
- Folha de desenho		- Tinta / Pincel
- Club Penguin		- Giz de chão
- My Penguin		
- YouTube		

Lista elaborada a partir da proposta de atividade em folha avulsa (menina⁴, 8 anos, 3º ano do ensino fundamental)

No dia seguinte, conversamos sobre a atividade e construímos juntos, no quadro verde, uma nova tabela, que partiu da socialização dos registros individuais dos alunos, para que eles pudessem visualizá-los em conjunto.

Durante a realização da tarefa e ao ler as listas dos alunos, percebi que se referiam a diferentes aspectos implicados com suas práticas de escrita: das materialidades aos meios, *softwares*, mídias e não somente a determinados suportes. Recolhi as vinte e cinco listas a que tive acesso, de modo a proceder, posteriormente, à tabulação dos itens listados pelas crianças.

A listagem, considerada aqui como um inventário das materialidades com as quais as crianças se deparam em seu cotidiano, tornou necessária uma espécie de categorização, visto que as crianças, elas mesmas, utilizaram substantivos distintos para classificar um mesmo objeto. Por exemplo, para designar o papel, utilizaram as expressões folha ou mesmo papel. Para as tecnologias, mencionaram *tablet/ Ipad*. Na sequência, apresento a primeira tabela gerada, em que constam todas as palavras listadas pelas crianças:

⁴ Os alunos não são identificados, preserva-se apenas a letra inicial dos seus nomes e a indicação de sexo e idade.

Tabela – Objetos descritos na lista “Onde escrevo”

Objetos	Incidência	Objetos	Incidência
Folha	21	Camisa	1
Tablet	20	Casa	1
Computador	19	Cerâmica	1
Caderno	17	Etiqueta	1
Areia	16	Fita adesiva	1
Celular	13	Folha com linhas	1
<i>Video game</i>	11	Folha de desenho	1
Quadro	10	Folha de ofício	1
<i>Club Penguin</i> ⁵	8	Gesso	1
<i>Facebook</i>	7	<i>I tunes</i> ⁶	1
<i>Google</i>	7	Jogo de <i>video game</i>	1
<i>Notebook</i>	6	Jornal	1
Diários	5	Madeira	1
E-mail	5	<i>Minecraft</i> ⁷	1
<i>Youtube</i>	5	<i>Mozilla firefox</i>	1
Box do banheiro	4	Música	1
Livro	4	<i>My Penguin</i> ⁸	1
Cartas	3	<i>My Start</i> ⁹	1
Pedra	3	Nos desenhos	1
<i>WhatsApp</i>	3	Papelão	1
Agenda	2	Partituras	1
<i>App Store</i>	2	Porcelanato	1
Borracha	2	Praia	1
CD	2	Quadro branco	1
Chão	2	Revista	1
Controle remoto	2	<i>Site do Inter</i>	1
Lousa interativa	2	Tema	1
Parede	2	Trabalhos	1
Recado	2	<i>Vídeo game portátil</i>	1
Tela	2	Twitter	1
Aula	1		

⁵ O *Club Penguin* é um jogo eletrônico *online* destinado a crianças e pré-adolescentes. Através de um cadastro, os usuários participam de desafios para alcançar pontuações e/ou conversas ou disputas com outros integrantes.

⁶ *I tunes* é um aplicativo de reprodução de áudio da marca *Apple*, na qual os seus usuários podem realizar *download* de músicas ou vídeos.

⁷ Jogo eletrônico em que se realizam construções em blocos (cubos).

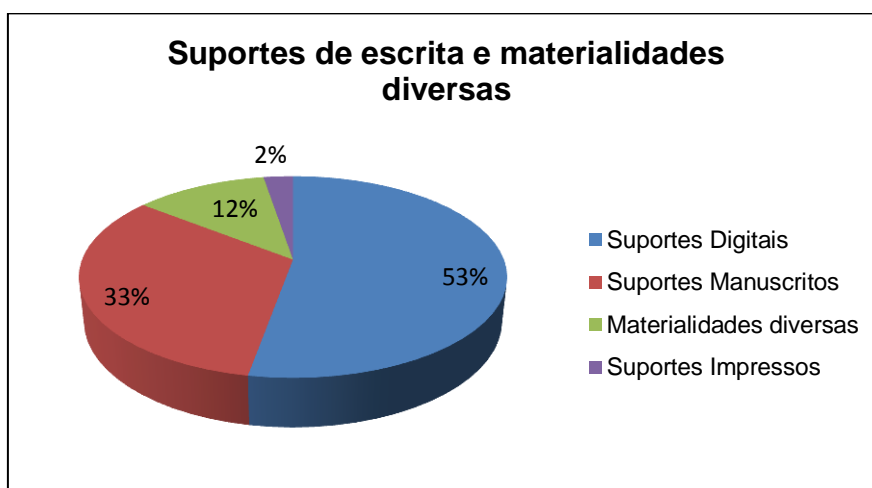
⁸ Personagem criado pelo usuário do jogo eletrônico *Club Penguin*.

⁹ Aplicativo de pesquisa eletrônica *online*.

Diante desta primeira tabulação, que parece dispersar as respostas, fez-se necessária uma outra, que consistiu em agrupar os achados que expressam um mesmo sentido. Nesta nova tabela, e no gráfico que a representa, optei por realizar um recorte, excluindo alguns dados e associando as relações que as crianças estabeleceram com suas práticas de escrita em categorias específicas:

Tabela – Suportes de escrita e materialidades diversas

Suportes	Incidência
Suportes Digitais	121
Suportes Manuscritos	75
Materialidades diversas	27
Suportes Impressos	6



Como se pode observar, a tabela e o gráfico dividiram-se em quatro categorias. A seguir, exemplifico os dados que foram contabilizados em cada uma delas:

- Suportes digitais: computador, *notebook*, celular, *tablet*, lousa interativa, vídeo game, aplicativos ou *sites*, controle remoto, tela.
- Suportes manuscritos: caderno, diários, agenda, folhas avulsas, recado, quadro branco, quadro de giz.
- Suportes impressos: livro, revista, jornal, trabalhos, temas.
- Materialidades diversas: areia, pedra, chão, parede, box do banheiro, cerâmica, porcelanato, madeira, gesso.

Ao analisar a tabela e o gráfico, pude evidenciar a força do suporte digital no contexto das crianças que participaram da atividade. Algo importante de destacar foi a atenção delas aos nomes de aplicativos ou *sítes* eletrônicos, mostrando o quanto os suportes digitais fazem parte do cotidiano dessas crianças.

Para pensar as práticas de escrita na época de crescente domínio tecnológico, apoio-me no conceito de “revolução eletrônica”, de Roger Chartier (2009a). O autor destaca que as práticas de escrita dos sujeitos estão implicadas em uma ligação indissociável entre suporte e texto. Isto é, dependendo do suporte em que o sujeito escreve, outras experiências, relações, atribuições de sentido, competências acontecem.

Quando apresenta o conceito de revolução eletrônica, o referido autor nos convida a refletir sobre as continuidades entre a cultura manuscrita e impressa, dando visibilidade às características que permaneceram de uma para outra, ainda que se acreditasse, por muito tempo, que com a invenção da imprensa o manuscrito desapareceria. O autor, ao exemplificar sobre o formato do livro, aponta que tanto um manuscrito como um pós-Gutenberg apresentam o *códex* como estrutura básica. “Há portanto uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra”. (CHARTIER, 2009a, p. 9).

Com as crescentes vivências de texto eletrônico instauram-se novas atribuições e experiências, ainda que se mantenham usos advindos das materialidades manuscritas ou impressas. Contudo, as estruturas de texto, os formatos, os limites, a rolagem, os espaços, os instrumentos, a própria continuidade textual, sofrem intensas transformações. São inauguradas, diante do espaço da tela de um computador, de um celular, de um *tablet*, outras relações entre o escritor e o leitor, entre o escritor e o texto, entre o leitor e o texto, ou para o caso deste estudo, entre o escrevente e sua escrita, entre o escrevente e a variação das mídias desses suportes, e desses escreventes com o/s leitor/es de seus textos.

Imbricados nestes processos de apropriação da leitura/escrita estão também as produções de significado decorrentes dos suportes em que é possível praticar a escrita, considerando que “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem.” (CHARTIER, 2009a, p.77). Os sujeitos desta pesquisa mostraram, a partir das discussões que foram

realizadas para a geração de dados, algumas diferenças que sentem ao fazer uso dos meios digitais:

S¹⁰: É mais fácil escrever no computador, pode ficar apertando numa letra que nunca mais vai acabar, não tem limite no computador. (menina, 9 anos)
 R: Eu gosto de escrever no computador porque uso qualquer letra, porque no caderno eu uso só a imprensa porque estou acostumada. (menina, 9 anos)

As duas falas acima transcritas apresentam uma percepção do suporte digital constatada a partir de suas diferenças frente às praticas manuscritas exercitadas em seus contextos. As duas alunas fazem uma comparação e ilustram o que se constata no gráfico apresentado anteriormente, o quanto esses dois suportes – o caderno e o computador - partilham significativo espaço nas experiências destas crianças. Quanto aos limites constatados pela primeira aluna, apoio-me nas contribuições de Roger Chartier (2009a, p. 13), a fim de exemplificar algumas dessas diferenças:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis [...]: todos esses traços indicam que a revolução do livro [texto] eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Como se pode ver, as formas com as quais as alunas se relacionam com as mídias digitais não são as mesmas ao utilizarem-se do caderno. A aluna S. menciona a palavra “limite” porque não visualiza o final das páginas, o que acontece com o caderno. A impressão que parece demonstrar sentir é a de que poderá escrever mais no computador do que no caderno. Quando diz que pode ficar “apertando numa letra” está referindo-se às teclas do computador, demonstrando também outros dispositivos que utiliza para utilizar este meio digital. A aluna participa desse contexto de revolução eletrônica apontado por Roger Chartier na citação acima, na qual as relações se modificam intensamente, ainda que mantenham algumas características de outros suportes de escrita.

Um aspecto ainda merece ser comentado: a funcionalidade e a estética das escritas que estão em jogo quando das escolhas por determinados suportes em detrimento de outros. Para elucidar essa questão, trago alguns exemplos:

¹⁰ Os alunos não são identificados, preserva-se apenas a letra inicial dos seus nomes e a indicação de sexo e idade.

D: A gente quase não escreve mais cartas, agora as pessoas usam *e-mail*. (menino, 9 anos)
 G: Mas no *e-mail* não fica bonito, a mão cansa mais quando escrevo à mão, mas fica bem mais bonito, dá para enfeitar a carta. (menina, 9 anos)
 D: Mas é só botar imagem do Google ou desenhar no *paint* e botar no *e-mail*. (menino, 9 anos)
 V: Na carta escrita à mão vão conhecer a minha letra, não dá para fazer anônima. (menino, 9 anos)
 D: Se quiser fazer anônima procura letras de revista. (menino, 9 anos)
 L: Mas digita que é bem mais fácil do que ficar procurando letra por letra na revista. (menino, 9 anos)

O que se pode privilegiar na exposição destas falas são as distinções que as crianças buscam fazer no uso de um suporte ou outro. Nesse diálogo aparecem as tentativas de ilustrar as preferências de usos para distintas formas de escritura, e quais atributos mencionam para fundamentar suas preferências.

Uma primeira aparição é a associação que os alunos fizeram entre carta e *e-mail*, quando conversávamos sobre lugares em que aparecem textos escritos. Logo, a primeira proposição que fizeram foi a de relacionar com a ferramenta de correio eletrônico. Pensando que os sujeitos que participam dessa investigação têm idade média de nove anos, não se pode excluir que estão mergulhados numa cultura crescentemente digital desde que nasceram.

Para a aluna R., torna-se agradável utilizar o computador e adentrar pelas ecléticas opções de tipos e formatos de letras, fato que não ocorre quando escreve em seu caderno, o que mostra uma busca pela facilidade em vista do que se torna corriqueiro: a utilização da letra de imprensa.

A aluna G. mostra-se segura em afirmar sua própria experiência: escrever uma carta à mão lhe parece ter um resultado mais “bonito”, o que mostra que atribui sentidos estéticos diferentes quando utiliza um suporte manuscrito ou digital. A busca por um texto estético também está sendo transposto ao suporte digital quando o aluno D. sugere a utilização de imagens ou desenhos de *softwares* nos *e-mails*.

Algo importante de destacar, também, são os instrumentos envolvidos nas práticas de escrita e, sobre isso, transcrevo abaixo a fala de uma criança da pesquisa, que manifestou-se quando discutimos as ideias do livro de literatura infantil de Ruth Rocha e Otávio Roth, que foi lido por mim e a elaboração da listagem “*Onde escrevo/ com o quê escrevo*”.

V: A diferença está no instrumento que tu usa: na areia tu usa um pau, na pedra o pau não

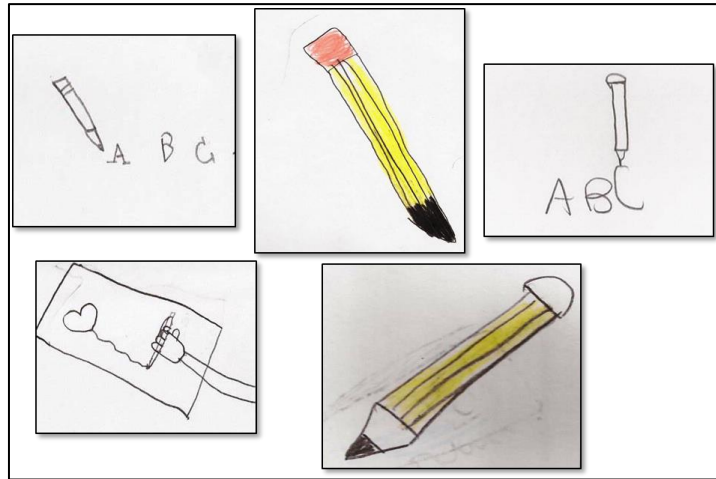
marca, tu tem que usar outra coisa. (menino, 9 anos)

A fala do aluno contribui (e muito!) para esclarecer que os instrumentos utilizados nas práticas de escrita encontram-se em relação com os suportes. A tabulação dos instrumentos apresentada abaixo visa mostrar os itens listados pelos próprios alunos:

Instrumentos	Incidência
Lápis, lapiseira, grafite, lápis de cor	41
Teclado, teclas	23
Caneta	21
Dedos, mãos	21
Graveto (pauzinho, palito)	14
Caneta hidrocor	8
Giz de quadro	8
Lápis de cor	8
Pedra	5
Giz de cera, Giz pastel	5
Tinta	4

Instrumentos	Incidência
Corretivo	2
Pincel	2
Sangue	2
Água	1
Caneta de lousa	1
Caneta para <i>tablet</i>	1
Carimbo	1
Carvão	1
Pá	1
Pena	1
<i>Spray</i>	1

À vista destes dados, se pode visualizar a permanência do lápis e da caneta como escolha das crianças em suas listagens, o que demonstra que estes artefatos, que servem aos suportes manuscritos ou impressos, não caíram em desuso nas práticas das crianças escolares. Ainda que tenham evidenciado distintos e recorrentes suportes digitais, os alunos que realizaram ilustrações no trabalho representaram quase que exclusivamente lápis ou canetas, conforme mostram as imagens a seguir:



Instrumentos: Ilustrações das crianças nos trabalhos
(3º ano do Ensino Fundamental)

Chartier, ao escrever sobre as mutações advindas com o texto eletrônico, sugere que a inserção dos meios digitais não ocasiona perda da cultura escrita, mas sim, a “coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica” (CHARTIER, 2002, p. 107). Assim como os suportes não desaparecem, necessariamente, com o advento de um novo, também os instrumentos perduram, mesmo que convivam com outras tecnologias.

“História da escrita na minha vida”: alguns achados

A minixposição que foi intitulada “*História da escrita na minha vida*”, conforme apresentado na seção metodológica deste artigo, aconteceu em um ambiente mais espaçoso que a sala de aula da turma e contou com recursos de projeção para que os alunos pudessem mostrar os registros fotográficos salvos em *pen drives*. Dividi em dois tempos. Primeiramente, um grupo de alunos realizou as apresentações, momento em que circulamos entre as mesas. Após, inverteu-se: os alunos que assistiram passaram a apresentar suas materialidades. Conversei com as crianças, registrei as falas com gravações de voz, e os suportes e/ ou instrumentos de escrita através de fotografias, algumas exemplificadas a seguir:



Exemplos de materialidades expostas pelos alunos
(3º ano do Ensino Fundamental)

As imagens acima apresentam uma seleção dos materiais que foram trazidos para a minie Exposição. Dedico atenção agora a dois suportes de escrita: cadernos e livros, com ênfase aos sentidos que estes alunos atribuem a cada um desses suportes, que também foram mencionados por eles quando elaboramos a lista, e trazidos no dia da minie Exposição, além do fato de serem utilizados quase diariamente no contexto escolar e não escolar.

“De rascunhos, do primeiro ano, de aula, de histórias, de desenhos, de anotações, de telefones, de estudos, de músicas, de caligrafia...” Essas foram algumas das denominações dadas pelos alunos aos cadernos que estiveram em circulação. Percebe-se, pelos títulos recebido, que este suporte assume diversas funcionalidades no cotidiano dos alunos.¹¹

Primeiramente, destaco a recorrência do caderno utilizado no primeiro ano do Ensino Fundamental. Dos vinte e seis alunos, apenas cinco não levaram este objeto para a apresentação. O “cadernão do primeiro ano”, assim conhecido no Colégio, dispõe de um conjunto de folhas avulsas que são encadernadas especialmente para os alunos que frequentam essa etapa. Os alunos montam uma capa personalizada e o caderno divide-se em três partes e obedece a seguinte ordem: folhas em branco, folhas com linhas com espaçamento mais largo, folhas com linhas mais estreitas. Apresento

¹¹ Não houve interferência no modo de como seriam feitas as escolhas dos materiais a serem levados para a mini-exposição e, tendo em vista a idade dos alunos, é provável que tenha havido possíveis interferências familiares, o que não está diretamente em questão no estudo. De outra parte, são as experiências dessas crianças fora da escola, e que também se perpetuam em boa parte no contexto doméstico, que me interessaram. Assim, uma sugestão eventual do responsável, caso tenha ocorrido, não constitui uma amostragem induzida, mas parte das experiências da criança no que é eleito como importante pela família ou o que é ofertado à escrita pelos mesmos.

na imagem a seguir uma fotografia que exemplifica este suporte de escrita trazido pelas crianças:



Caderno do 1º ano (2011)
(menino, 9 anos, 3º ano do Ensino Fundamental)

Quanto ao surgimento do caderno na escola francesa, aponta-se a metade do século XVI (Hébrard, 2001). No entanto, sua generalização aconteceu no século XIX, juntamente às práticas escolares inseridas em um contexto sociocultural que procurava promover um ensino público, com acesso universal, laico e gratuito a todos. Há implicada também uma mudança de crença quanto às práticas orais e de leitura dissociadas da aprendizagem de escrita, para isso, é preciso lançar mão de suportes que propiciam as práticas de escrita. Dentre outros fatos, estes marcam e intensificam a utilização do caderno nas práticas de ensino. Desde essa época já se pode perceber a relação estreita do caderno com o ensino das primeiras letras.

Estabelecendo uma semelhança ao contexto em que essa pesquisa se efetivou, remeto-me à “força” escolar que este caderno do 1º ano assume no contexto dos alunos, muito bem ilustrada por eles ao colocarem em circulação estes materiais, quando foram convidados a refletir sobre a história da escrita em suas vidas. Concluir as linhas do caderno que definiu o tempo de aprendizagem de leitura e escrita, parece definir a relação que estabeleceram com este artefato: inserir-se no contexto escolar utilizando as materialidades que constituem este espaço.

Atentei a todos os dados que foram gerados sobre os cadernos trazidos, considerando que nele podemos encontrar muitas pistas para entendimento das práticas de escrita, já que desenha “[...] um território privilegiado, definindo uma teia de relações cuja pluralidade constitui um dos modos de *viver* e de *ver* a escola”. (FERNANDES, 2008, p. 50) [grifos do autor]. Ainda que tenham apresentado outros

tipos de cadernos (diários, anotações, desenhos) para a minha apreciação, o acesso a eles não foram tão autorizados quanto aos escolares. Ilustro minha constatação com as falas a seguir:

P¹²: E este caderno, tu usas para quê?

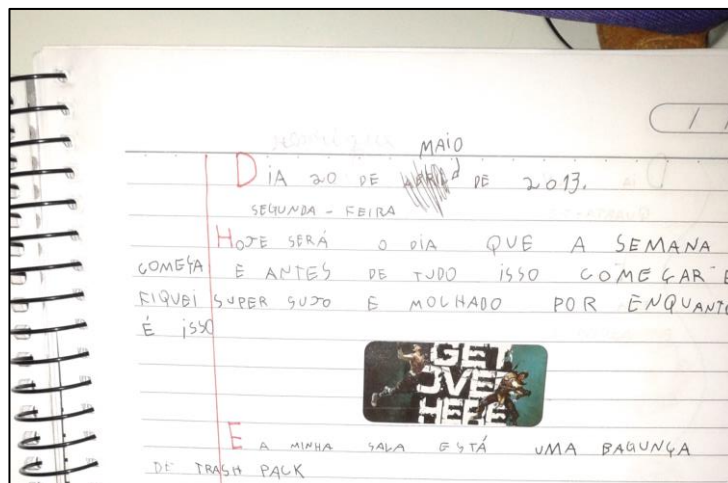
R: “Ahhh”, é um caderno que escrevo umas coisas. (menina, 9 anos)

P: E este outro, é do primeiro ano?

R: Sim, olha aqui todas as palavras trocadas, eu escrevia tudo errado e fui aprendendo a escrever. (apontando e mostrando várias páginas).

Visualiza-se neste exemplo a ênfase dada por R. sobre o caderno e sua ligação com a aprendizagem da escrita. Diante destes objetos manuscritos que dividem espaço com a sala de aula, pode-se inferir que o sentido que foi dado por esses escreventes no uso desse suporte foi o da escrita como meio de tornar-se parte da escola, parte do mundo letrado e das relações que nascem a partir disso: saber escrever, ser alfabetizado, terminar o “cadernão do primeiro ano”.

Trago agora um exemplo de análise de um caderno não escolar, do aluno H.. Chamo de não escolar, pois não é um material pedido pela escola, ainda que ele faça seu uso durante as aulas. Percebi que o aluno estava utilizando vários dias um caderno diferente e perguntei se poderia saber o que era e olhá-lo. Sua primeira reação foi a de esconder a página em que estava aberto. Em seguida, explicou-me que era um diário, mas que eu poderia fotografar. Segue um dos registros feitos:



Escrita no caderno “diário”
(menino, 9 anos, 3º ano do Ensino Fundamental)

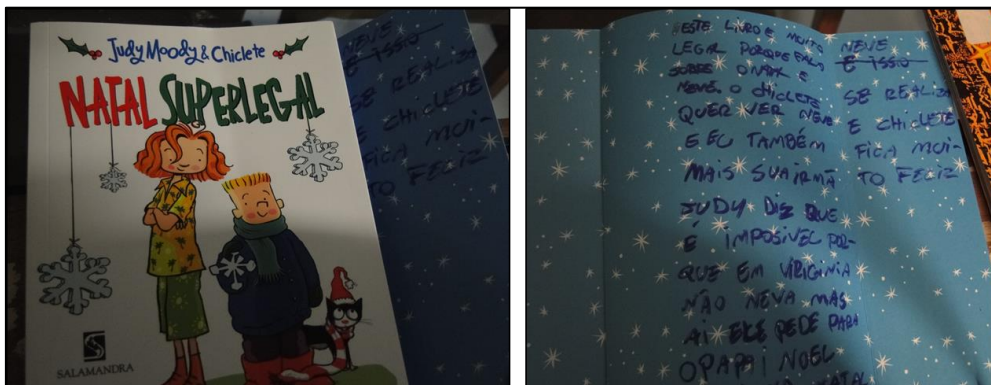
¹² Pesquisadora.

Ao observar a página do caderno que H. referencia como sendo um diário, percebo três marcas escolares que estão sendo transpostas para seus escritos: a data, marcação da linha vermelha de forma a organizar o parágrafo e destaque à primeira letra maiúscula no início das frases. Essa produção de significados é resultado de um processo partilhado, advindo dos processos escolares na qual o aluno se insere. CHARTIER (2009a), ao escrever sobre a multiplicidade de abordagens da leitura afirma que,

[...] as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade (p. 91-92).

O caderno de H. tinha outras páginas ocupadas com frases soltas, desenhos, adesivos. No entanto, para ele, fez sentido permitir a minha leitura destas que apresentavam estas referências, comuns às nossas práticas de escrita.

Outros achados no dia da minixposição foram os livros. Além de levarem livros impressos que utilizam para leitura, partilharam também, livros manuscritos que foram produzidos por eles no ambiente escolar. Apresento a seguir, a imagem do suporte da menina C., que utiliza a última página dos livros como um lugar para seus escritos:



Livro da aluna C.
(menina, 09 anos, 3º ano do Ensino Fundamental)

Ao ser questionada sobre o porquê da escolha do livro para apresentar à professora e colegas, C. respondeu:

C: Aqui na última página do livro eu anoto as partes que acho mais importante, porque se eu quiser ler de novo, já me lembro da história. Aprendi isso em um programa de televisão e faço agora nos meus livros.

A aluna demonstrou uma apropriação ao escrever suas impressões produzidas a partir da leitura realizada. Não há como determinar se “as partes principais” definidas pela menina são as mesmas que o autor gostaria que fossem ao construir o texto, pois “as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam delas” (CHARTIER, 2009b, p.78). Partindo deste postulado, é necessário pensar maneiras de ler como decorrentes de produções inventivas do leitor diante do texto. As maneiras de ler decorrem de produções inventivas do leitor/escrevente diante do texto, não podemos restringi-las apenas ao esperado pelo autor do texto ou dos editores que imprimiram as formas tipográficas ou protocolos de leitura. Há aí uma rede de relações, intimamente ligados ao tripé que fundamenta este trabalho (texto-suporte-práticas).

Imbricada neste processo realizado por C., está também a função que a sua escrita na última página assumiu: mnemônica. Em um espaço privado para a leitura, encontrou espaços no suporte que permitiram esses escritos e o fez “para lembrar” quando voltasse à ele. A estratégia encontrada pela leitora é uma tentativa de poder retornar aos sentidos que fez ao texto, “a leitura não tem garantias com o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido” (CERTEAU, 1994, p.270).

Lendo/relendo/escrevendo: considerações

Esta pesquisa procurou repertoriar os suportes que circulavam no contexto escolar e não escolar dos alunos de um 3º ano do Ensino Fundamental e, a partir deles, buscar refletir sobre as apropriações que os alunos estabeleciam nas suas práticas de escrita. Para tanto, se propôs alguns momentos desencadeadores para a construção do material empírico, além das observações cotidianas que exerci enquanto professora da turma em outras situações de aprendizagem.

Retomo as aparições dos *softwares* digitais nas tabelas “onde escrevo/ com o quê escrevo”, que me propuseram a analisar as práticas de escrita contemporâneas e as maneiras de ler/escrever que se estabelecem com a revolução do texto eletrônico. Os alunos tiveram a necessidade de expor não apenas o suporte de que se utilizam, mas os usos que o fazem.

Na oportunidade da miniexposição, detalhada no trabalho, algo que me surpreendeu foi a quantidade de materialidades manuscritas, superando minha expectativa, que esperava encontrar muitos aparelhos eletrônicos. Este fato tornou-se mais um dado para pensar a coexistência das materialidades manuscritas, impressas e digitais.

Destaco, mais uma vez, atentar para os estudos das práticas de escrita considerando sempre as relações indissociáveis entre texto, suporte que o comunica e leitor/escrevente. Assim, o que se tentou nesta investigação foi um olhar sobre as apropriações que os alunos constroem sobre os suportes que fazem parte das suas experiências a partir das relações que estabelecem com o texto. Desta maneira, os objetos de estudo que se sobressaem são sempre a partir das construções dos sujeitos diante dos seus usos e recepções.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER Roger. **Textos, impressões, leituras**. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009a.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b. P. 77-105.

FERNANDES, Rogério. Um marco no território da criança: o caderno escolar. In: MIGNOT, Ana Crhystina Venancio. (Org). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. P. 49-67.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, jan./jun. 2001, n. 1, p. 115-141.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **O livro da escrita**. São Paulo: Melhoramentos, 1992.